



Varição linguística: Legitimidade x status privilegiado da norma culta

Maria Lúcia Marques de Almeida

Graduada em Letras pela Faculdade Integrada de Patos (FIP)

Alúcio César Barbosa dos Santos

Docente, diplomado em Filosofia (UEPB); especialista em EJA com Ênfase em Economia Solidária no Semiárido Paraibano (UFCG); pós-graduando em Gênero e Diversidade na Escola (UFPB) e em Ensino de Filosofia no Ensino Médio (UFRN)

Resumo: Os estudos da língua estão sempre em evidência. O campo da sociolinguística requer discussões e pesquisas que envolvam as variações linguísticas os preconceitos e a própria evolução da língua, bem como questões no âmbito das peculiaridades regionais e culturais. É nesse sentido que os objetivos desta pesquisa incluem uma abordagem bibliográfica reflexiva no campo da Linguística, destacando a importância da Sociolinguística no âmbito teórico prático e evidenciando que a Linguística é uma ciência relevante nos estudos da língua. Buscou-se respaldo teórico em obras de Fiori, Monteiro, Possenti, Bagno, além de outros pesquisadores que estão sempre desenvolvendo propostas elucidativas para ampliar o conhecimento da língua, especialmente, as variações linguísticas. A compreensão sobre as mudanças linguísticas é fundamental porque as línguas, acredita-se não são homogêneas, elas não se encerram apenas no tempo, mas manifestam-se nas camadas sociais, no espaço e estão em constantes mudanças distinguindo na sintaxe, morfologia, semântica e fonética.

Palavras-chave: Língua. Variação linguística. Sociedade.

Linguistic variation: Legitimacy x privileged status of cultural norms

Abstract: The language studies are always in evidence. The field of sociolinguistics requires discussion and research involving the linguistic variations, prejudice and evolution of language itself as well as issues in the context of regional and cultural peculiarities. In this sense, the objectives of this research include a reflective approach to literature in the field of linguistics, emphasizing the importance of Sociolinguistics in theoretical and practical evidence that linguistics is a science relevant in language studies. It tried to support theoretical works Fiori, Monteiro, Possenti, Bagno, and other researchers who are developing proposals always enlightening to the understanding of language, especially the linguistic variations. The understanding of the linguistic changes is crucial because languages, it is believed, are not homogenous, they do not end just in time, but manifest themselves in social groups in space and are constantly changing distinction in syntax, morphology, semantics and phonetics.

Keywords: Language. Linguistic variation. Society.

1 Introdução

O presente artigo propõe realizar uma reflexão no campo da sociolinguística, evidenciando língua, cultura e sociedade como relações essenciais para se entender a linguística. Enfatizando a importância e a necessidade de se conhecer e respeitar o universo linguístico - fenômeno da língua que sofre modificações de forma natural, resultando em uma diversidade linguística atuante no seio das comunidades de fala.

Neste sentido, este artigo tem como objetivo realizar um estudo na perspectiva variacionista dentro do contexto da sociolinguística.

No intuito de atingir esses objetivos, serão consultados grandes pesquisadores dessa área, como por exemplo, José Luiz Fiori, José Lemos Monteiro, Marcos Bagno, Sírio Possenti, entre outros, que também reconhecem a heterogeneidade da língua.

Em busca dessa realização, o trabalho está dividido da seguinte forma: a primeira seção discorre uma breve abordagem sobre a linguagem, focalizando um

pouco da história, as concepções da linguagem e a diferença de língua e linguagem.

Na segunda seção pesquisou-se o pluridialeto, enfatizando a teoria da variação linguística, e sua diversidade no contexto social e ainda os dialetos e subdialetos. Por último, na terceira seção abordou-se o preconceito linguístico, em que é colocada em questão a gramática Normativa e a discriminação linguística, e finalizando, fez-se um comentário crítico da pesquisa com algumas considerações.

2 Revisão de Literatura

2.1 A Linguagem

É por meio da linguagem que o ser humano vive em sociedade. É essa ciência que possibilita a organização e a materialização do pensamento, conforme Fiori (2007, p. 11) “Assim como não há sociedade sem linguagem, não há sociedade sem comunicação”.

Pode-se dizer, portanto, que a linguagem é o mecanismo responsável pela organização social do mundo contemporâneo. Assim, a comunicação é a chave para o processo evolutivo humano, onde se desenvolve as ideias de visão de mundo.

Neste âmbito, Faraco (2003) define a linguagem como uma das ciências mais fantásticas da vida humana, pois é por meio desta que se consegue estabelecer todas as relações e limites que as pessoas necessitam para a organização em sociedade.

Tudo que diz respeito a nós mesmos e aos outros, o que pensamos o que fazemos; todos os nossos sentimentos e emoções são transmitidos por intermédio da palavra, seja ela verbal ou não verbal, tudo é concebido através da linguagem.

Contudo, verifica-se que a língua é um sistema de signos variável, os quais possibilitam ao homem a arbitrariedade linguística, ou seja, o homem é o único ser capaz de criar símbolos, signos universais e variáveis.

O fascínio pela linguagem surge justamente da permissão de transcender os pensamentos, de tornar concreto por intermédio da linguagem um simples objeto criado na consciência humana, fazendo com que esse signo seja aceito pela sociedade e passe a fazer parte da cultura de um grupo social ou comunidade da fala.

2.2 Concepções da Linguagem

Para compreender a linguagem é necessário que se busque relacionar as concepções de linguagem às teorias existentes. Com esse objetivo ao analisar obras escritas na literatura ou nos discursos sobre a linguagem, consegue-se observar diferentes formas de conceber sua origem.

Segundo alguns autores como, por exemplo, Geraldi (1984), Travaglia (1996), entre outros, acreditam que a linguagem apresenta como base três teorias: a expressão do pensamento; instrumento de comunicação e forma de interação.

A *expressão do pensamento* é a primeira teoria a explicar a formação da linguagem, essa teoria é sustentada ao longo do tempo pela gramática grega, pelos latinos, pela Idade Média e pela Idade Moderna, porém,

foi quebrada no início do século XX, quando Saussure (1969) revolucionou os estudos linguísticos.

Desse modo, a linguagem passou a ser observada como *instrumento de comunicação*, onde a língua logo passa a ser vista como um código, o qual, a única finalidade ou utilidade seria a capacidade de transmitir uma mensagem de um emissor a um receptor, sem nenhuma outra utilização.

Já a linguagem concebida como *forma de interação*, é compreendida como uma atividade coletiva de natureza social e histórica, uma vez que o exercício da língua se realiza na prática social dos diferentes grupos na sociedade e nos mais diversos momentos históricos na evolução do ser humano.

Nesta ótica, se chega à conclusão de que a linguagem é produzida no interior da mente, sendo assim, o pensamento é colocado como a tradução dessa construção. Com esse raciocínio se pode dizer que a linguagem é um processo mental de manifestação do pensamento.

Apesar do processo da linguagem ser essencialmente consciente, entretanto entende-se que o fluxo e a articulação desta, provém de camadas mais profundas e não conscientes, tais como do subconsciente e inconsciente. (CUNHA, 1988, p. 38)

Conforme este pensamento pode-se perceber que estudar a linguagem é mergulhar num campo complexo, onde as explicações não são suficientes para todas as perguntas. Na visão de Klein (s/d), o conhecimento que cada pessoa possui sobre linguagem, tanto pode ser resultado de um estudo detalhado a respeito do assunto, como também pode ser o resultado de um conjunto de impressões que vão sendo colhida.

s no dia-a-dia, o qual poderia chamar de senso comum. No entanto, sendo ou não senso comum, a verdade é que são várias as teorias atribuídas à formação da linguagem, e com essa visão, a referida autora dentro de um conjunto variado de tendências e teorias, destaca duas concepções: a *concepção inatista* e a *concepção histórico-social*, as quais consideram mais importantes e predominantes.

Logo se percebe que este é um fenômeno que decorre de um processo de união em que o pensamento alia-se a linguagem, assim se conclui que os mecanismos da consciência (memória, lógica, imaginação, etc) só têm progresso por meio da linguagem, seja ela verbal ou não verbal, ambas são um conjunto de sinais ou signos próprios de cada língua, dando condição para o desenvolvimento psíquico do homem.

2.3 Língua e Linguagem

A linguagem nada mais é que a manifestação do pensamento, a forma de tornar concretas as ideias criadas na mente, seja ela de forma verbal (oral ou escrita) ou não verbal (os gestos, as cores, as imagens, etc). Todos os sentimentos são transmitidos pela linguagem, mas é de fundamental importância observar que o desejo de

manifestar esses sentimentos surge da necessidade de se fazer grupos comunicativos em que possam transmitir informações, compartilhar emoções, determinar regras e muito mais.

Dessa forma, pode-se considerar que a “linguagem” é universal e abstrata, pois surge da capacidade que o ser humano tem de expressar suas emoções, sentimentos e necessidades, enquanto isso, a “língua” é um sistema local e concreto, desenvolvida num determinado país ou comunidade que a fale e domine suas regras gramaticais, no entanto, qualquer pessoa que já tenha adquirido sua língua materna ou língua de origem, tem capacidade de aprender outros idiomas, como por exemplo, um falante da língua portuguesa pode se dispor a estudar e aprender o idioma inglês, italiano, francês e assim por diante.

Nessa perspectiva, a língua é um fenômeno individual e compartilhado ao mesmo tempo, pois guarda consigo uma grande quantidade de experiências históricas, vivenciadas e acumuladas por um povo que a fala durante o tempo de sua existência.

Segundo Carvalho (2002), o latim é a prova simbólica que permanece da cultura do povo romano, isto é, quando os bárbaros invadiram o Estado de Roma, dando início ao processo de miscigenação linguística, que acabou quebrando a hegemonia do latim e originaram-se várias línguas, no entanto, houve um compartilhamento entre as línguas, no qual resultou, por exemplo, no português, no galego, no castelhano e no catalão, portanto, o traço linguístico do latim nessas línguas é muito grande, o que caracteriza as marcas da cultura linguística romana.

Para Saussure, a língua é uma parte essencial da linguagem; [...] “é um produto social da faculdade da linguagem e um conjunto de convenções necessárias, adotada pelo corpo social para permitir o exercício dessa faculdade nos indivíduos” (SAUSSURE, *apud* FIORI, 2007, p.14).

Pode-se repensar que apesar do impasse entre Saussure e Bakhtin, a linguagem é a representação do pensamento através dos signos e códigos linguísticos (língua) e que esta pertence a todos os membros de uma comunidade onde, a junção de língua e linguagem resulta na interação comunicativa que tem revolucionando o mundo desde os tempos primitivos.

2.4 Pluridialeto

Para que se possa entender e descrever sobre o processo variacionista da linguagem, é preciso delimitar os estudos linguísticos ao aspecto social da língua, sendo que a Sociolinguística que é uma subárea da Linguística, explica essa relação entre linguagem e sociedade, focalizando principalmente os empregos linguísticos concretos, em especial os de caráter heterogêneo.

Nesta perspectiva Mollica (2008, p. 9-10) afirma que “a sociolinguística considera em especial como objeto de estudo exatamente a variação, entendendo-a como um princípio geral e universal, possível de ser descrita e analisada cientificamente”.

A língua é um patrimônio social, e por isso está sujeita a um processo contínuo de mudanças e variedades que ocorre justamente da cultura dos falantes que a utilizam.

Assim, a Sociolinguística atribui à sociedade como causadora das diversidades linguísticas existentes, uma vez que na linguagem se vê os reflexos das estruturas sociais independentemente de raça, status ou classe econômica, as variações ocorrem naturalmente, é justamente o contato entre diversas culturas que são observadas as diversidades linguísticas que, em princípio, esse dinamismo encontra-se no nível do vocabulário, da sintaxe e morfossintaxe, fonético ou pragmático-discursivo.

As variações e dialetos são encontrados no uso de uma mesma língua, dentro do sistema sociocultural-geográfico, onde os dialetos regionais são marcas muito fortes na fala indivíduo.

Segundo Mollica (2008, p. 10), “o fenômeno da variedade linguística em cada sistema é diferente do que entendemos por multilinguismo”, ou seja, é da natureza de cada língua apresentar seu dinamismo particular dentro do espaço geográfico e cultural, uma vez que toda língua é heterogênea. No entanto, uma pessoa pode falar mais de uma língua (poliglota), cada uma dentro do seu sistema variacionista sem confundir multilinguismo com variação linguística.

2.5 Teorias da variação linguística

Os estudos linguísticos consideram que toda e qualquer manifestação linguística é um fato importante e merecedor de estudos que possam explicá-lo, isto porque, acreditam os estudiosos, que nada na língua é por acaso, tudo pode ser explicado cientificamente.

Nesta perspectiva, o sociolinguista William Labov, que desenvolveu grandes estudos no aspecto variacionista da linguagem, a partir dos anos de 1960, iniciou uma investigação que vem explicar a relação existente entre a linguagem e a sociedade.

Se para algumas correntes teóricas a língua pode ser estudada individualmente, para a Sociolinguística isso não é possível, pois a língua depende de fatores sociais que vão sendo criados e modificados de acordo com o contexto social e histórico, uma vez que a sociedade é composta de homens e mulheres de idades diferentes, pertencentes a culturas socioeconômicas diversificadas e que praticam atividades variadas. Todos esses fatores naturalmente implicam na heterogeneidade da língua, e visando esses acontecimentos, a Sociolinguística tem como foco de estudo a variação linguística.

Neste âmbito Monteiro (2000, p. 59) afirma que:

Duas ou mais formas distintas de se transmitir um conteúdo informativo constituem, pois, uma *variável linguística*. As formas alternantes, que expressam a mesma coisa num mesmo contexto, são denominadas de *variantes linguísticas*. Assim por exemplo, não há qualquer diferença semântica se pronunciarmos a primeira pessoa singular do indicativo presente dos verbos *dar*, *ser* ou *estar*

com ou sem ditongo. Ou se realizarmos a vogal pretônica de *Recife* com /e/, /ɛ / ou /i /.

Toda língua é dotada de variações, seja em função do emissor (falante) ou em função de receptor (ouvinte), cujas regras variáveis têm o objetivo da comunicação, seja de forma estilística, expressiva ou enfática.

Desse modo, não se pode considerar que a língua seja um sistema fechado e instável, pois, trata-se de uma realidade linguística que está em constante processo, um fenômeno transitório e inovador que tende a passar por modificações de forma natural dentro da sociedade.

Partindo dessa perspectiva, pode-se observar que as variações sintáticas ocorrem na ordem das palavras na fala, isso acontece com mais frequência na oralidade do que na escrita, levando em consideração que a grafia requer mais atenção e habilidade, enquanto que a fala é mais espontânea e natural, porém, é comum encontrar tanto na escrita quanto na fala, construções desse tipo: *ela me desse x ela desse-me*. Também são encontrados diferentes modos de realizar a concordância verbal. São frequentes os enunciados: *tu querias x tu queria* ou *nós fomos x nós foi*.

Já as variações morfológicas, decorrem na estrutura da palavra, na concordância de número entre os elementos, como é o caso de *vamos x vamo*, que também se observa a marca de plural, porém, o que está em questão é a formação da palavra.

Segundo Omena e Duarte (2008), em pesquisa realizada a respeito do grau aumentativo, diminutivo e normal do substantivo, os resultados apontaram que os graus aumentativos e diminutivos desfavorecem o uso do plural, como é o caso em: *as gatinha, meus amigão, dois cachorro lindo*.

Quanto à variação lexical, as variáveis acontecem com bastante frequência no contexto geográfico-regional, uma vez que diferentes nomes são atribuídos ao mesmo objeto, ou seja, existem alguns objetos que são conhecidos culturalmente por cada região sem que mude o seu significado ou valor denotativo, que é o caso das variáveis: *pandorga x pipa x raia x papagaio*, entre outras. Apesar da imensa variedade regional e/ou lexical, as pessoas conseguem se comunicar de forma razoável, sem que haja prejuízo para ambas às partes envolvidas no discurso.

As variantes fonológicas acontecem nas diferentes realizações fonéticas de um fonema num mesmo contexto linguístico, ou seja, são as diversas formas de pronunciar a mesma unidade sonora sem diferenças de significado, como é o caso da palavra *Recife*, citada anteriormente por Monteiro (2000), em que a vogal pretônica é pronunciada pelos falantes da língua portuguesa em três modalidades, que é o caso do som do “e” que hora é pronunciado aberto ou fechado como também com som de “i”, isso depende da cultura linguística do falante.

Dessa forma, pode-se perceber que as construções morfológicas, sintáticas e lexicais, ao contrário das construções fonológicas, apresentam um significado de referência própria como é o caso do exemplo: *grande mulher e mulher grande*, que apesar do adjetivo apresentar a mesma estrutura lexical e fonológica, a

classificação desse adjetivo tem valores específicos, próprios a cada uma das situações empregadas. Diante de situações como essas, alguns sociolinguistas não encontram dificuldades para o uso variacionista à área da sintaxe, enquanto que outros discordam, principalmente, devido à ausência de uma teoria do significado bem definida que permita a análise quantitativa da variação morfológica, sintática e léxica. É oportuno salientar que para a Linguística, o que se deve levar em consideração no âmbito da linguagem é a possibilidade de interação comunicativa. Neste sentido, Braga (2008, p. 101) ressalta:

Exposto à conversação, o homem adquire a linguagem articulada e, simultaneamente, as formas básicas de socialização. Por outro lado, é um truísmo lembra que o significado de enunciados e de itens lexicais deverá levar em consideração o contexto linguístico e situacional em que são empregados.

Em face dessa constatação, os estudos sociolinguísticos têm como objetivo analisar as diversas variações linguísticas de uma comunidade, focalizando desde o horizonte mais formal (língua padrão), até o mais informal (língua popular) esta, falada por maior parte da população.

Independentemente de uma classificação social, os falantes possuem um repertório linguístico que é variável entre as circunstâncias em que ocorre a comunicação, seja em ambientes descontraídos com pessoas que se tenha intimidade ou em ambientes mais formais, o falante sempre faz uso das variações de acordo com seu conhecimento linguístico.

2.6 Diversidades linguísticas no contexto social

A variação de uma língua é a maneira pela qual esta se diferencia nas expressões verbais dentro do contexto histórico, geográfico e sociocultural. Toda língua apresenta variações que nasce tanto em função do emissor quanto em função do receptor na interação comunicativa e nas circunstâncias em que se produz a fala.

Desde que o falante nasce, uma sequência infinita de signos linguísticos passam a fazer parte da sua vida por meio da comunidade que o cerca, assim o indivíduo adquire a linguagem ou formas expressivas variadas de acordo com os traços linguísticos da sociedade que o acolhe.

O estímulo sempre existiu durante todas as eras da civilização humana, pois é ele o suporte da dinâmica social, surgindo da necessidade de fazer-se entender, tornando a língua um elemento de interação entre o indivíduo e a sociedade em que ele atua e, principalmente, o requisito primordial

para a existência da sociedade. (SOUSA, s/d, p.4 de 12).¹

Dentro do ambiente social, são formados vários grupos sociais que adquirem a linguagem de acordo com os conhecimentos empíricos (as experiências resultantes da relação sujeito-sujeito) ou científico (os livros, a televisão, o cinema, a imprensa, os desenhos, as músicas, etc) que são passados de geração a geração num processo variacionista sociocultural.

A linguagem por estar em constante processo permite que as pessoas façam uso de todas as formas linguísticas, aperfeiçoando e modificando a língua de maneira imperceptível para assim atingir todas as necessidades que cada etnia encontra para se comunicar.

Do mesmo modo é perceptível a mudança na forma de tratamento “Vossa Senhoria”, que em meados do século XV, esta era uma expressão reservada puramente ao rei, todavia, no fim do século XVI passou a ser usado no tratamento de arcebispos, bispos, duque, marqueses, condes, entre outros.

No plano sincrônico, segundo a autora citada, as variações observadas nas línguas estão relacionadas a vários fatores: dentro de uma mesma comunidade de fala encontram-se pessoas de diversos níveis sociais, de origem geográfica distinta, de idade e de sexo diferente que falam distintamente.

De um aspecto geral pode-se descrever as variedades linguísticas a partir de dois critérios básicos: a variação geográfica e a variação social.

A variação geográfica (diatópica) está ligada as diferenças linguísticas encontradas no espaço físico, isto é, cada região do país ou cada país que, por exemplo, fala o idioma português tem um conjunto mais ou menos homogêneo de características no plano lexical, fonético e gramatical que dão traços distintivos aos falantes nativos possibilitando o reconhecimento da origem geográfica do indivíduo mesmo quando este se encontra fora de sua região natural.

O mesmo dinamismo acontece entre as regiões internas do país, sendo que essas manifestações se encontram com maior frequência no nível léxico (vocabulário) e o Brasil por ser um país amplo em termo territorial, é natural que se encontre várias denominações a um mesmo objeto como é o caso da planta muito conhecida da família euforbiáceas, que na região mineira é conhecida como mandioca ou mandioca doce, no Rio de Janeiro como aipim, enquanto que em Pernambuco esta é conhecida por macaxeira.

Algumas variações apesar de serem típicas de uma região também são usadas só que com menos frequência em outras regiões, é o que afirma Mollica (2008, p. 9):

No Sul do país, o pronome “tu” é o tratamento preferido quando o falante interage com o ouvinte, encontrando-se em menor escala em outras regiões e evidenciando uma diferenciação geográfica, em

que os pronomes de tratamento distribuíssem em sistemas variacionista diferentes.

São vários os exemplos lexicais da variação regional, porém vale frisar que estas também acontecem no nível fonológico (pronúncia), pois o sotaque ou modo de falar que cada indivíduo adquire na sociedade funciona como uma espécie de identidade geográfica do falante: (leitchi X leite), esse exemplo mostra claramente a marca de pronúncia (sotaque) da região sudeste e nordeste, sendo perceptível o chiado da região sudeste no uso da palavra.

A variação social (diastrática) agrupa uma diversidade de fatores que podem estar inseridas na *classesocial; faixa etária; gênero e situação ou contexto social*, localizados dentro da mesma região ou raça. Por sua vez, esses fatores podem determinar traços originais na linguagem individual do falante sem comprometer a compreensão entre indivíduos, como poderia acontecer na variação regional por parte da variável lexical.

Desse modo, nota-se uma modalidade de língua – a norma culta – que deve ser adquirida no período da vida escolar, cuja finalidade é a ascensão profissional e social.

Segundo Alkmim (2007), são observados alguns exemplos indicativos na fala de grupos situados abaixo na escala social, em que é comum a presença do [r] em lugar do [l]: “brusa” (blusa), “grobo” (globo), “probrema” (problema), entre outros.

Quanto à *faixa etária*, percebe-se que as diferenças linguísticas com relação à idade do falante são bastante claras e fáceis de se perceber nos discursos ou textos escritos. “As mais evidentes são com certeza, as que se observam no período de aquisição da linguagem, quando entre inúmeros fatores, a criança não conseguem articular bem os fonemas (diz *totolim* em vez de *cachorrinho*)” (MONTEIRO, 2000, p. 76).

Em contra partida, os jovens adoram fazer uso de um vocabulário novo característico, o uso do léxico particular, como por exemplo, as gírias presente na maior parte do discurso dos adolescentes (“maneiro”, “esperto”, com o sentido de avaliação positiva sobre coisas, pessoas e situações).

O fator da variação diastrática *Gênero*, é o estudo científico que realmente comprova que homens e mulheres não falam da mesma maneira, a duração da pronúncia de vogais, é uma característica expressiva da mulher, como por exemplo, em “maravilhoso”, assim também acontece com o uso frequente de diminutivos, como “bonitinho”, “gostosinho”, “vermelhinho”.

Além das diferenças no ritmo e tom de voz, as mulheres expressam melhor os planos lexicais e sintáticos, dando preferência às fórmulas mais delicadas de se expressar e apresentam um padrão linguístico bastante regular, demonstrando uma preferência maior pelas variantes linguísticas de mais prestígio social.

Segundo Paiva (2008), a variante mais prestigiada que é a marca de plural de todos os elementos do sistema nominal, é mais frequente na fala do sexo feminino do entre falantes do sexo masculino.

Para melhor justificar essas diferenças linguísticas de gênero/ sexo, em que as mulheres usam formas

¹ Citação do artigo científico do professor da Universidade de Cruz Alta; Antônio Escandiel de Sousa doutorado em linguística aplicada pela UFRGS.

associadas ao padrão de prestígio, enquanto que os homens valorizam a língua não padrão..

Monteiro (2000, p. 74), segundo pesquisas de Trudgill, explica:

[...] a posição subordinada das mulheres na sociedade exige delas tal comportamento para que assegurem, pelo menos, o seu *status* linguístico; enquanto os homens podem ser avaliados socialmente pelo que fazem, as mulheres são avaliadas principalmente pelo que aparentam.

Segundo o autor acima citado, as características do discurso feminino embora tenham relação direta com a natureza da mulher (voz, timbre e entonação), são vistas como essencialmente cultural, uma vez que a linguagem feminina é mais polida em relação à linguagem masculina.

Aprende-se a fazer uso do dinamismo linguístico na convivência do dia-a-dia entre as situações e contextos sociais impostos pela sociedade, onde os indivíduos envolvidos em uma comunicação precisam ter conhecimento quando devem mudar de uma variedade para outra.

Contudo, comunidades ou classes sociais diferentes vivenciam experiências diferentes e isso reflete no sistema linguístico de cada pessoa — as variações utilizadas por cada falante é o reflexo do status social em que se encontra ou pertence à pessoa perante a sociedade.

2.7 Dialeto e subdialeto

O termo dialeto, segundo Monteiro (2000), baseado em informações de cunho bibliográfico de Calvet, surgiu pela primeira vez na literatura francesa em 1565, o uso do termo (dialeto) diz respeito à forma restrita que cada região cultiva ao fazer uso da linguagem dentro do código linguístico, ou seja, são falares regionais que apresentam entre si traços linguísticos culturais específicos.

Por outro lado, pode-se dizer que *idioma* é um termo intermediário na distinção entre dialeto e linguagem e é usado para se referir ao sistema comunicativo estudado (língua) que tanto poderia ser chamado de um dialeto quanto de linguagem. “Com efeito; se tomarmos como referência a língua portuguesa, podemos dizer que são dialetos distintos o português de Angola, o do Brasil, o de Cabo Verde, o de Portugal e assim por diante”. (MONTEIRO, 2000, p. 45).

A língua portuguesa possui uma variedade de dialetos, e muitos deles com uma nítida diferença lexical, como é o caso do português de Portugal comparado ao do Brasil, em muitas vezes o mesmo objeto tem construções lexicais distintas em ambos os territórios, porém esse fato não muda o significado denotativo, como por exemplo, o transporte ferroviário, que no Brasil é conhecido pelo léxico “trem”, enquanto que em Portugal possui vocabulário distinto — “comboio”, o mesmo acontece com o termo “pastelaria”, que para os brasileiros significa o lugar onde se vende pasteis, já para os portugueses, ir à pastelaria significa ir comprar pães.

A diversidade de usos linguísticos entre o português brasileiro e o europeu, é um fato reconhecido desde o século XVIII, porém não existem classificações que prestigie mais um que o outro. No entanto, nota-se que no português europeu há três dialetos mais prestigiados: o do Porto, o de Coimbra e o de Lisboa, enquanto que no Brasil não existe essa classificação, o que acontece é que perante a sociedade, a norma culta (língua padrão) é mais valorizada, porém, não pelos fatores linguísticos, mas por se tratar de uma forma linguística característica das altas classes econômicas do país.

Os dialetos se encontram em várias dimensões: geográfica, social, idade, sexo, e situacionais, citados anteriormente, porém, fixar o limite territorial ou regional de um dialeto não é fácil, uma vez que as pessoas imigram de região para região, assim, levando consigo características do dialeto de uma região para outra, como por exemplo, no caso do Ceará, citado por Monteiro (2000, p. 46) ao enfatizar que:

[...], veremos que a expressão *dialeto cearense* pode ser inadequada, visto que há localidades, como a região do Cariri, que contêm traços não pertinentes em outras (por exemplo, a dentalização do /t/ e do /d/ antes da vogal /i/ ou a omissão do artigo antes de nomes próprios).

Diante de motivos como esse, é aconselhável não usar o termo dialeto e sim “falar cearense” e conforme o local em que ocorre a variação, muitas outras denominações podem ser usadas: dialeto rural, dialeto urbano, etc.

Por outro lado, a mesma interação não acontece entre dialetos do chinês, uma vez que estes não dispõem de nenhuma semelhança linguística capaz de provocar a comunicativa entre si, e nem por isso são denominadas “línguas autônomas”. Logo, acredita-se que não há distinções significativas entre dialeto e língua, uma vez que se verifica a interação comunicativa entre línguas autônomas e a não interação entre dialetos condizentes na mesma língua (chinês).

Além dos dialetos existentes, também há os subdialeto que são expressões linguísticas utilizadas pelos grupos sociais, geralmente são falares característicos dos grupos profissionais, ou seja, é comum entre os profissionais o uso de léxicos que muitas vezes são incompreensíveis fora do contexto profissional, isto é, não condiz com a realidade linguística de outros grupos sociais ou profissionais.

Os subdialeto, ao contrário da língua que é um meio de inclusão social, acabam sendo um meio excluído aos que não compartilham das mesmas ideias ou conhecimentos profissionais, pois as pessoas que não pertencem ao mesmo grupo, não conseguem interagir diante de uma conversa direcionada a esse campo, uma vez que os subdialeto servem como códigos entre os falantes, que tanto serve como código de segurança diante de um assunto que não deve ser compartilhado fora do grupo, como também serve para facilitar e agilizar a compreensão quando se trata dos mesmos ideias.

A fala das pessoas de uma mesma classe social, em regiões diferentes é mais semelhantes do que a fala das pessoas de distintas classes sociais numa mesma área territorial (HUDSON, *apud* MONTEIRO, 2000, p. 51).

Nota-se assim, a complexidade entre os subdialetos, que acaba sendo justificada através das numerosas atividades humanas, que por vez resulta num grande número de subdialetos que vão surgindo com a mesma proporção que surgem as atividades profissionais.

Dessa forma, os subdialetos são variações usadas por grupos sociais fechados e restritos, que exercem atividades distintas e usam uma linguagem específica. Para melhor enriquecer esses conceitos, serão expostos aqui alguns exemplos específicos de subdialetos profissionais, tendo por base bibliográfica Oliveira (2000, p. 345-346-347):

Subdialetos do político: a) “Temos que examinar com urgência os projetos de reforma, mas não podemos esquecer das nossas bases *parlamentares*”. b) “Meus queridos *municípios*, eu irei cuidar de toda *infraestrutura* da cidade”. c) “A aprovação do projeto vai depender de um acordo das *lideranças*”.

Os léxicos “*parlamentares*, *municípios*, *infraestrutura* e *lideranças*”, são palavras que geralmente são encontradas com bastante frequência nos discursos dos políticos, tornando-se assim, uma identidade profissional do indivíduo perante a sociedade.

Subdialetos do policial: a) “O *meliante* foi preso ao tentar assaltar o banco”; b) “Estamos procedendo as *diligências* necessárias para apurar a autoria do crime (delegado de polícia)” e c) “O *delinquente* foi *autuado* em flagrante”.

Meliante: malandro, vadio; *diligências:* zelo, cuidado, apuração; *delinquente:* criminoso, culpado; *autuado:* processado. Todos esses subdialetos exigem do falante certo conhecimento profissional para que possa ser empregado corretamente para os devidos fins, sem que haja quebra do significado denotativo.

Subdialetos do médico: a) “Como está o infarto do *leito 3*” ? b) “infelizmente algumas doenças são *degenerativas*”. c) “Pode transferir o bronco espasmo para o quarto”.

São inúmeros os subdialetos profissionais, por isso é preciso restringir os exemplos a apenas alguns de deles. Dessa forma, ao observar os exemplos acima citados se pode entender como funciona a linguagem complexa dos grupos sociais e profissionais e também respeitar a língua como um sistema variacionista que atende a todas as necessidades sociais e culturais do ser humano.

2.8 O preconceito linguístico

Os sociolinguistas têm analisado a relação entre sociedade e linguagem, e o preconceito linguístico tem sido um dos focos de análise nesta área. Apesar da grande maioria da população brasileira compartilhar do mesmo idioma, que é o português do Brasil, o preconceito linguístico surge entre esses mesmos falantes, ou seja, a discriminação não vem de fora do país, como também não vem de outras línguas faladas por aqui.

Segundo Bagno (1999, p. 13) “O preconceito linguístico fica bastante claro numa série de afirmações que já fazem parte da imagem (negativa) que o brasileiro tem de se mesmo e da língua falada por aqui”.

Com isso, pode-se citar a má interpretação do uso da *Gramática Normativa*, imposta pelo sistema educacional como única forma correta de se falar, gerando assim, a discriminação contra as variedades linguísticas de uso popular no meio social.

É necessário entender que a língua é um sistema dinâmico variável, o qual o ser humano adquire de forma espontânea no contato com as pessoas que fazem parte do seu cotidiano, como é o caso da aquisição da língua materna, a qual se adquire desde os primeiros anos de vida no convívio familiar, enquanto que para se fazer uso das regras gramaticais é necessário anos de convívio escolar e muita dedicação para a prática da mesma, ou seja, esta é uma linguagem artificial, usada nos momentos formas, seja com relação à oralidade ou a escrita.

É preciso entender que a gramática normativa nada mais é que um conjunto estrutural de regras criadas pelo homem com o objetivo de analisar a formação das palavras, de analisar sinteticamente as frases dentro de uma estrutura padronizada que na verdade não consegue ser posto em prática na linguagem do cotidiano.

2.9 A discriminação linguística

A língua por ser um bem social, está exposta a constantes modificações, o fato de a sociedade ser heterogênea contribuiu para a diversidade linguística existente, pois essas mudanças e variações ocorrem de acordo com os falantes que a utilizam. No entanto, é preciso compreender esse dinamismo linguístico para melhor entender e respeitar as variações sociais, geográficas, culturais e históricas dos falantes dentro de um mesmo dialeto ou língua.

De acordo com Bagno (1999), o preconceito linguístico é uma atividade que consiste em discriminar uma pessoa devido ao seu modo de falar. Geralmente esse tipo de preconceito é desempenhado por pessoas que tiveram acesso à educação de qualidade e que por esse motivo têm um maior domínio da língua padrão ou norma de prestígio. Essas pessoas ocupam as classes sociais economicamente dominantes e, com o objetivo ou pretexto de defender a língua portuguesa, acabam discriminando a linguagem das classes menos favorecidas, pois acreditam que o falar das pessoas sem instrução formal e com pouca escolaridade é “feio” e assim acabam por carimbar o diferente.

A esse respeito Bagno (1999, p. 52-53) detende:

É claro que é preciso ensinar escrever de acordo com a ortografia oficial, mas não se pode fazer isso tentando criar uma língua “artificial” e reprovando como “errada” as pronúncias que são resultado natural das formas internas que governam o idioma.

Um dos maiores mitos que leva a discriminação linguística, é o de que o português falado aqui no Brasil é homogêneo, uniforme. Esse tipo de conceito errôneo, geralmente é cometido por pessoas cultas, porém, sem o menor conhecimento científico e cultural do idioma o qual faz uso. Com relação a esse tipo de visão, Possenti (1996, p. 36) diz que “Alguns sonham com uma língua uniforme. Só pode ser por mania de repressiva ou medo da variedade, que é uma das melhores coisas que a humanidade inventou”.

Logo se observa a necessidade de compreender que toda língua apresenta variações, no entanto, algumas são mais prestigiadas do que outra e isso faz com que o preconceito linguístico aconteça com tanta frequência, seja a nível geográfico, socioeconômico, de formação escolar, idade ou sexo. Contudo, mesmo diante de um vocábulo escrito gramaticalmente correto, segundo Bagno (1996), vai sempre haver a variação linguística por parte da pronúncia individual ou regional dos falantes, independente do grau de escolaridade ou de status socialmente econômico.

De acordo com Possenti (1996), as instituições de ensino falham justamente por acreditar que na escola se ensina língua materna, quando na verdade são apenas regras gramaticais, o fato é que desde os três para os quatro anos de idade as crianças já aprendem a falar, e que essa forma de adquirir a linguagem é espontânea, natural e é por isso que aprendem com tanta facilidade, diferentemente das normas impostas pela gramática, as quais, o aluno passa anos sendo treinados a falar de forma “correta” e que mesmo assim o dialeto padrão é de domínio de poucos, desse modo, sendo utilizado muitas vezes apenas em situações formais. No entanto, o ensino tradicional da gramática normativa trabalhado nas instituições de ensino acaba por criar uma relação de conflito ao adotar a variedade padrão como única forma correta de se falar e excluir as variedades não padrão.

Segundo Bagno (1999), por mais que se tente eliminar o preconceito linguístico, este ainda continua firme e forte na sociedade, pois esse é um processo em longo prazo, e não basta a ilusão de querer acabá-lo de uma hora para outra, todavia, isso só será possível se também for possível uma mudança radical na sociedade discriminatória, reeducando-a a respeitar o que há de diferente no outro e conscientizando-a para o fato de que todo falante nativo de uma língua, a utiliza de forma competente.

3 Considerações Finais

A realização deste trabalho possibilitou uma reflexão no campo da linguagem, principalmente o aprofundamento da língua portuguesa falada no Brasil, em que se evidenciou que a língua é um instrumento

social e que assim como seus usuários, apresenta uma grande diversidade de uso linguístico, observado nas diferentes regiões, classes sociais, idade, sexo, escolaridade, entre outros. Desse modo, observou-se também que a concepção de uma língua homogênea é apenas um mito impossível de se realizar.

Tendo em vista a discussão empreendida ao longo desse estudo, é perceptível a importância dos estudos sociolinguísticos no que diz respeito à linguagem e cultura e sociedade, em que é focalizada a importância de se conhecer as variedades padrão e não padrão da língua, para não se ter um julgamento preconceituoso dos diversos usos linguísticos.

É oportuno ressaltar que a concretização deste trabalho foi de grande contribuição para o acúmulo de conhecimento que tratam desde a história da linguagem verbal humana, até os mais modernos estudos que constata o dinamismo e evolução da língua, o respeito pelas variações regionais e sociais que compõem a fala de milhões de pessoas dentro de um mesmo idioma.

Muitas pesquisas relacionadas à questão da linguística podem ser ainda estudadas. Esta pesquisa é uma entre tantas que buscou analisar as variações linguísticas.

4 Referências

ALKMIM, Tânia Maria. Sociolinguística: Parte I. In: MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Anna Chistina (orgs.). **Introdução à Linguística: domínios e fronteiras**. 7 ed. São Paulo: Cortez, 2007.

BAGNO, Marcos. **Preconceito linguístico: o que é, como se faz**. 8 ed. São Paulo: Loyola, 1999.

CARVALHO, Castelar de. **Para compreender Saussure**. Petrópolis-RJ: Vozes, 2002.

CUNHA, Celso Ferreira da. **Novíssima Gramática da Língua Portuguesa**. São Paulo: Scipione, 1988.

FARACO, Carlos Alberto; TEZZA, Cristóvão. **Práticas e textos para estudantes universitários**. 11 ed. Petrópolis: Vozes, 2003.

FIORI, José Luiz (org.). **Introdução à Linguística**. 5 ed. São Paulo: Contexto, 2007.

GERALDI, João Wanderley (org.). **O texto na sala de aula**. 4 ed. São Paulo: Ática, 2006.

MOLLICA, Maria Cecília; BRAGA, Maria Luiza. **Introdução à Sociolinguística: o tratamento da variação**. 3 ed. São Paulo: Contexto, 2008.

MONTEIRO, José Lemos. **Para compreender Labov**. 2 ed. Petrópolis; RJ: Vozes, 2000.

OMENA, Nelize Pires de; DUARTE, Maria Eugênia Lamoglia. Variáveis morfossintáticas. In: MOLLICA, Maria Cecília; BRAGA, Maria Luiza. **Introdução à**

Sociolinguística: o tratamento da variação. 3 ed. São Paulo: Contexto, 2008.

PAIVA, Maria da Conceição de. Transcrição de dados linguísticos. In: MOLLICA, Maria Cecília; BRAGA, Maria Luiza. **Introdução à Sociolinguística:** o tratamento da variação. 3 ed. São Paulo: Contexto, 2008.

POSSENTI, Sírio. **Por que (não) ensinar gramática na escola.** Campinas, SP: Mercado de Letras, 1996.

SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de Linguística Geral.** São Paulo: Cutrix, 1969.

SOUZA, Antônio Escandiel. **A Sociolinguística e a diversidade na língua de um grupo social.** Disponível em:
http://jararaca.ufsm.br/wesites/l&c/download/artigos/07_1&c_1s/l&cs07_Antônio.pdf_similar. Acesso em: 13/04/2011.

TRAVAGLIA, Luiz Carlos. **Gramática e interação:** uma proposta para o ensino de gramática no 1º e 2º grau. 11 ed. São Paulo: Cortez, 2006.